

BIOGRAFIA

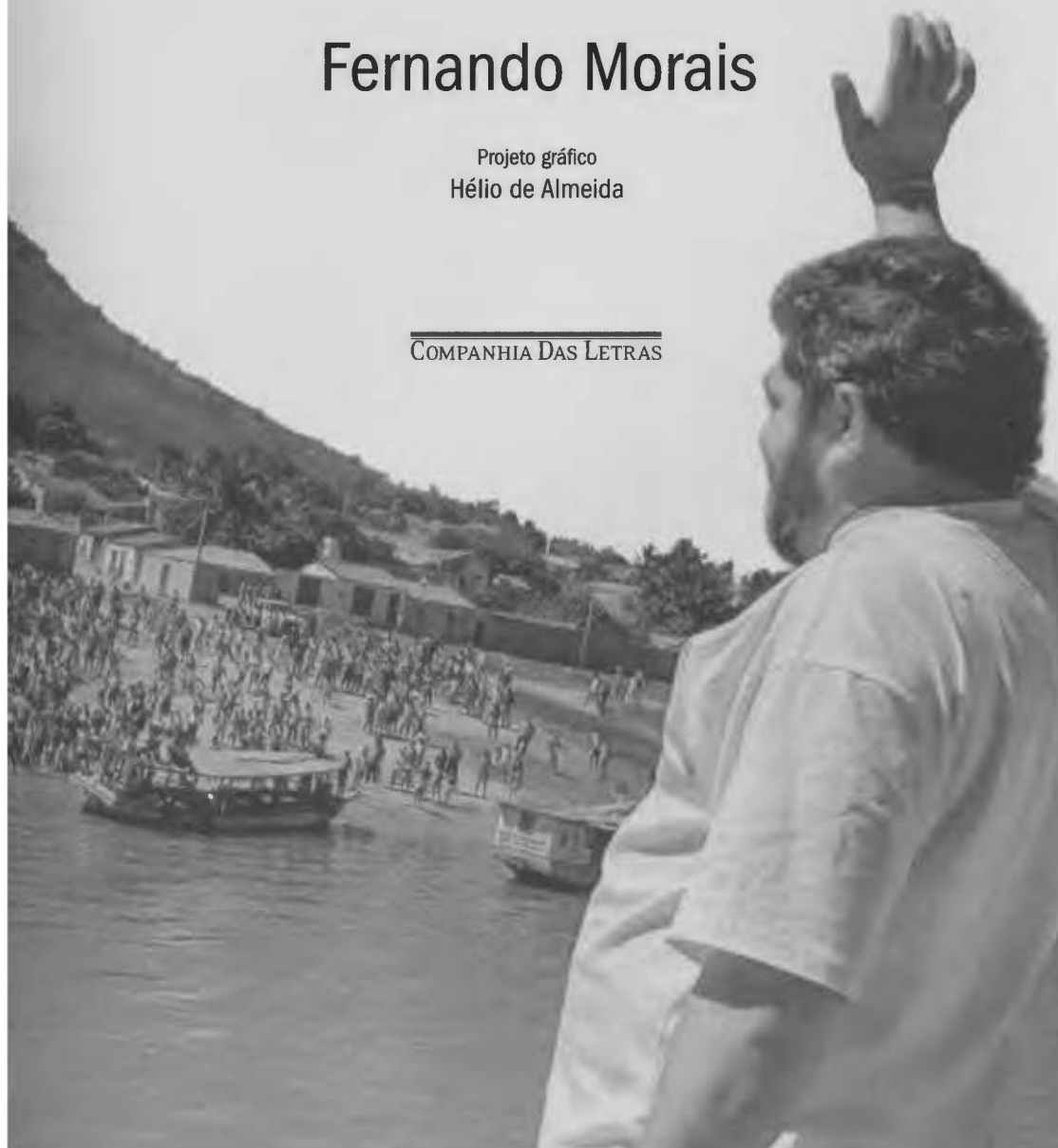
LULA

VOLUME 2

Fernando Morais

Projeto gráfico
Hélio de Almeida

COMPANHIA DAS LETRAS



VOLUME 2

- 1** De novo nas ruas, Lula tem, na
campanha das Diretas Já, o remédio
para a depressão pós-derrota. 11
- 2** Lula e Bittar prometem
parar o Brasil. Não param e perdem
os sindicatos do ABCD e de Paulínia. 41
- 3** Do general Leônidas a Moraes Moreira,
passando pelo poeta Leminski,
as Diretas Já decolam na Boca Maldita. 57
- 4** Ulysses e José Dirceu
se juntam para burlar a censura
imposta pelo general Nini. 75
- 5** O Colégio fratura o PT,
que expulsa o líder Aírton Soares,
Bete Mendes e José Eudes. 85
- 6** Lula é recordista de votos
na Constituinte e disputa com
Brizola quem enfrentará Collor. 93
- 7** Crises internas, mentiras, trapanças
e um sequestro decidem o destino
do Brasil, de Collor e de Lula. 125
- 8** O SNI desconfia que
“fontes estrangeiras” financiam
o Governo Paralelo de Lula. 156
- 9** Para derrubar Collor,
a *Vêja* aceita até associar-se
a um inimigo, o PT. 169

- 10** Lula roda 30 mil quilômetros
para fazer um doutorado sobre
o Brasil profundo. 191
- 11** Passados trinta anos, Dirceu perdoa,
mas não esquece: “Lula me deixou
falando sozinho”. 218
- 12** Lula tenta contratar
Duda, mas o PT veta: “Não
queremos malufistas”. 233
- 13** Para trazer Brizola
para vice, Lula passa o trator
sobre o PT do Rio. 267
- 14** Lula impõe Duda e
Alencar ao PT, derrota Serra
e vira presidente. 288

Este livro 315

Bibliografia 319

Créditos das imagens 323

Índice remissivo 325

De novo nas ruas, Lula tem, na campanha das Diretas Já, o remédio para a depressão pós-derrota.

Ainda não haviam fechado as cicatrizes da surra que levara de Franco Montoro um ano antes, nas eleições para governador de São Paulo, e ali estava Lula, de novo em cima de um palanque, agora defendendo eleições diretas para presidente da República. Para um orador como ele, habituado às centenas de milhares de pessoas que atraía às assembleias no ABC, ou ainda à intensa mobilização popular de sua campanha eleitoral do ano anterior, seria exagero chamar de multidão o público borocoxô que se espalhava diante do estádio do Pacaembu naquela tarde de domingo 27 de novembro de 1983. Lula já vira a mesma praça Charles Miller lotada, e calculava que ali poderiam estar, bem contadas, no máximo umas 15 mil pessoas.

Também diferentemente do que acontecia antes — no ABC do final dos anos 1970 e depois, na campanha eleitoral —, Lula não era o astro principal no comício do Pacaembu. A ele não caberia sempre o privilégio de encerrar os discursos, quando a massa já estava devidamente aquecida pelos oradores que se enfileiravam no microfone do caminhão de som. Nos muitos palanques que se sucederiam ao longo dos meses do movimento das Diretas Já, ele teria que compartilhar os refletores com popstars como Bruna Lombardi, Christiane Torloni, Regina Duarte, Chico Buarque, Milton Nascimento, o craque Sócrates — sem falar de mandachuvas do peso e da estatura de Ulysses Guimarães, já apelidado de “Sr. Diretas”, Leonel Brizola, Almino Afonso e Miguel Arraes.

Mas se Lula parecia já ter digerido a derrota de 1982, o PT ainda estava com ela amargando na boca. O ato do Pacaembu deixava claro

que as bases petistas não tratavam como aliados os militantes da frente reunida em torno do PMDB — em geral recebidos por elas com sonoras e intermináveis vaias. A hostilidade dos comandados de Lula foi responsabilizada pela inexplicável ausência, no palanque, do governador Montoro, anfitrião e patrocinador daquele comício, aconselhado por seus assessores a se ausentar para evitar previsíveis provocações. Não estavam a salvo da patrulha nem sequer os setores vistos como mais à esquerda da frente política. Desmentindo a lenda de que brasileiro viaa até minuto de silêncio, o senador Fernando Henrique Cardoso, em geral bem recebido nos meios progressistas, foi salvo por um ilustre defunto. A memória de Lula, presente ao ato, registra que FHC só escapou ileso das vaias pela casualidade de ter sido encarregado de pedir a dita homenagem em memória do senador Teotônio Vilela, que acabara de morrer. Semanas antes Milton Nascimento lançara a canção “Menestrel das Alagoas”, sobre o senador alagoano, cujo bordão dizia: “De quem essa ira santa/ Essa saúde civil/ Que tocando na ferida/ Redescobre o Brasil?”. Mesmo vagarosamente devastado por um câncer generalizado, Teotônio dedicara os últimos anos de sua vida à anistia e à defesa dos direitos humanos.

Sacramentado quando muitas lideranças já haviam emigrado para o frentão antiditadura, o armistício suprapartidário pró-diretas fora fruto de duas pajelanças de Lula com outros caciques da política nacional. Na primeira, em maio, ele e Ulysses Guimarães acertaram que PT e PMDB fariam a campanha juntos. Por conhecer o partido escorregadio que presidia, Ulysses não empenhou apenas sua palavra, mas insistiu em que a adesão fosse aprovada por resolução do Diretório Nacional. Na outra, no final de junho, no Rio de Janeiro, Lula selou, pelo PT, aliança com os governadores Franco Montoro (PMDB) e Leonel Brizola (PDT-RJ) em termos semelhantes aos daquela que fizera com Ulysses, cimentando a adesão formal do PDT e o que faltava do PMDB paulista aos palanques do movimento autobatizado de Diretas Já. Aos poucos ia se construindo uma legião heterogênea como não se via desde os já então imemoriais tempos de Getúlio

Vargas. Nesse amplíssimo leque ideológico cabiam desde grandes empresários brasileiros — a chamada “burguesia nacional” — até a miríade de tendências e frações revolucionárias, algumas egressas da luta armada, proibidas por lei mas acolhidas pelas asas generosas de Ulysses Guimarães e do seu PMDB.

Conta a história oficial da campanha que, em meados de junho, enquanto o PT armava seu apoio e antes da incorporação do PDT à frente, escolheu-se a cidade de Goiânia para palco do primeiro comício das Diretas Já. Supõe-se que a opção por Goiânia tenha se dado por ser o estado de Goiás então governado por um consagrado campeão de votos, o acaipirado e carismático peemedebista Íris Resende. A despeito de tais qualidades, o comício foi um desastre, um nada. Não obstante o peso político da cacicada do palanque — Ulysses Guimarães em pessoa, os senadores Pedro Simon, gaúcho, e Humberto Lucena, paraibano, o popular vice-governador de São Paulo, Orestes Quércia, e o próprio Íris —, o distinto público não fazia jus a tantas estrelas e mal chegava a 5 mil pessoas. Além de contribuir com sua ausência para o fracasso, o PT jogava a responsabilidade nas costas de Resende, considerado um “adesista” pela esquerda do partido.

Enquanto na capital goiana Ulysses, Simon, Quércia e Resende tomavam chá de palanque (“gastou-se saliva demais para ouvido de menos”, ironizou o presidente do PMDB), a mil quilômetros dali Lula suava para presidir, na ampla sala do subsolo de uma casa do bairro de classe média de Pinheiros, em São Paulo, aquela que entraria para a história do PT como a Articulação dos 113, assim mesmo, com A maiúsculo — que iniciou a regulamentação das tendências políticas que sobreviviam à sombra do PT. O número se refere aos 113 membros fundadores do partido que tinham convocado aquela assembleia. O interminável serão partidário de Pinheiros, que um escritor latino-americano chamou de

Para quem estava acostumado, como Lula, a encher praças e estádios nas greves do ABC, o comício das Diretas Já, diante do Pacaembu, não prometia as multidões que tomariam as ruas do Brasil na campanha para eleger o presidente da República pelo voto direto.